

A HISTÓRIA, A LITERATURA E O INATINGÍVEL

Jorge Luiz do Nascimento
(LETRAS - UFES)

A mágoa do historiador é nunca
poder atingir o inatingível.

Paul Veyne

I. INTRODUÇÃO

O presente texto é uma compilação resumida de dois capítulos da Dissertação de Mestrado intitulada: "A história e a ficção: os discursos complementados em **El arpa y la sombra**, de Alejo Carpentier e **Los perros del paraíso**, de Abel Posse", defendida em agosto de 1993 na Faculdade de Letras da UFRJ.

Se, por um lado, o trabalho aqui apresentado peca pela falta de organicidade ideal, cremos que, por outro, satisfaz ao objetivo de tecer algumas reflexões sobre as relações história/literatura na ficção hispânica contemporânea.

Sobre as obras, talvez seja esclarecedor dizer que **El arpa y la sombra** foi publicada em 1978 pelo cubano Alejo Carpentier (1904-1980) e segundo o próprio é uma "variación (en el sentido musical del término) sobre un gran tema que sigue siendo, por los demás, misteriosísimo tema...". O romance divide-se em três partes: na 1a. o então Para Pío IX, no séc. XIX, pensa em beatificar Colombo; na 2a. o Almirante em seu leito de morte faz uma pseudo-confissão a um sacerdote ausente; e na 3a. há o julgamento e a negação do pedido.

Los perros del paraíso, do argentino Abel Posse, faz uma recriação da viagem de descoberta. A personalidade do Almirante mescla-se, no relato, às aspirações dos reis católicos de construir o Império Espanhol. Romance repleto de referências e pseudo-referências, cria um jogo de aparente afastamento do "real histórico", mas que traz esse "real" para o plano das representações a nível cultural e simbólico.

II. HISTÓRIA E LITERATURA

O Inatingível... A literatura vai agir nessa direção. Preencher os espaços do possível e daí tentar chegar a esse ponto (in) vulnerável. O espaço entre o mítico e a ciência crítica, é aí o campo da literatura inacessível à história. O poder da literatura de entrar no tênue espaço da atemporalidade é força da palavra em busca da eternização do *flash*.

Como diz Alejo Carpentier: "no es función del novelista el contar las cosas como sucedieron, sino como debieron o podieron haber sucedido".¹

A criação subverte a história no momento em que, mesmo espelhando-se na realidade, reflete a deformação mágica da maravilha. A literatura trabalha com "absoluta flexibilidade espiritual".²

A realidade é criação, a criação literária é provida de "sentidos" alegóricos, simbólicos, que oscilam entre a emissão e a recepção. O mundo racional/empírico, ou o discurso que tenta representar cientificamente o mundo, carece do sentido cosmogônico e simbólico do mito. A literatura tende a recuperar o sentido profundo, às vezes utópico, racionalizado pelo discurso da história.

A literatura busca a memória e o sentido coletivo, ou seja, busca a ancestralidade do arquétipo e, através do simbólico, o mítico. A manifestação da linguagem é, na literatura, a superação da realidade aparente, histórica, pela utilização de um modelo de representação que supera o mundo empírico.

Sabe-se da aproximação entre o histórico e ficcional no século XIX. Tratando-se de literatura contemporânea, notaríamos, com Michel Foucault,³ que a distância entre as palavras e as coisas aumentou proporcionalmente à crise de representação vivida pela modernidade. Daí a literatura enriquecer-se no espaço lúdico apropriado pelo mito e pela fantasia.

A criação do espaço simbólico soma-se à busca do utópico e redimensiona, no processo dialético obra/leitor (pessoal ou coletivo), um mundo associado ao real, mas sustentado pelo imaginário cultural dos povos.

O diálogo atemporal de mentalidade, possível literariamente, transcende o histórico e assume a força reivindicadora da fundação de um discurso cultural. Um novo modelo de realidade surge: amalgamado, sincrético e, portanto, pleno da força dispersa pela exclusão.

O ritmo temporal da literatura aproxima-se muito mais do ritmo temporal mítico que da cronologia histórica.

Hegel, criticando por Lezama Lima e ironizado por Posse, é o grande exemplo. Como ele, em muitos estudos historiográficos (e de outras áreas do conhecimento) não se inclui a história das ditas sociedades não-ocidentais.

Muitas teorias não concebem como "cultura" as sociedades desprovidas de Estado, na concepção clássica ocidental do termo. Fazer histórias como "povos sem história" escrita, documentada, é trabalhar com valores de significação diversos. É ter fé na maravilha, é crer em outras mitologias.

As pressões ideológicas sofridas pelo historiador são desfeitas ou refeitas magia pela literatura. A história trabalha com documentos, a literatura trabalha os imaginários. A arqueologia do saber torna-se mais importante que o saber da arqueologia. A superação do histórico-social faz-se pela revisão que revivifica.

Lezama Lima diz-nos, citando Ernest Robert Curtius: "Com o tempo tornar-se-á manifestamente impossível empregar qualquer técnica que não seja ficção"⁴. Segundo o próprio cubano:

Uma técnica da ficção terá que ser imprescindível quando a técnica histórica não possa estabelecer o domínio de

suas precisões. Uma obrigação quase de voltar a viver o que já não se pode precisar. ⁵

A literatura foge da História Edificante e encontra-se com a responsabilidade de edificar histórias, nem que seja através da desconstrução de "verdades".

O jogo da literatura é o jogo das alternâncias, simulacros, insinuações. Então revelam-se outros dados, as coisas humanas são refeitas palavra e emoção. O inatingível torna-se vizinho. Passa-se do plano intelectual à química pessoal e intransferível que move ódios e desejos.

Se as sociedades modernas tendem à racionalização, o papel da literatura é tornar inteligível (ou sintomático) o irracional. Abrem-se as possibilidades e o inatingível desmascara-se, torna-se quintal psicológico de qualquer "eu".

Se, como diz Paul Veyne, toda história é constatavelmente conceitual, a revisão dos conceitos ou sua subversão é literatura. Se o "impacto da racionalização histórica sobre a vida coletiva é tão considerável quanto o das ciências físicas e da tecnologia", ⁶ a desracionalização espaço/temporal (histórica) através do discurso ficcional é a busca do espaço inatingível (racionalmente) que separa as palavras das coisas, o mito do ser histórico, a história da literatura.

O caos primordial é feito discurso pela literatura: subversão de valores, reordenação que obedece a outra lógica. A confissão do Colombo de Carpentier ⁷ é tão importante quanto as linhas e entrelinhas do seu diário. A aculturação revista pela temporalidade caótica de Posse é tão importante quanto as contradições estudadas pelos historiadores da descoberta, conquista e colonização.

As distorções conseqüentes da alternância de ritmos temporais são muito mais míticas, portanto ficcionais, que históricas.

Se a ciência ocidental interpreta, a literatura revive. Simbologias e mitos, fatos, feitos históricos e pensamentos. Discursos atemporais e encadeamentos impossíveis. Os próprios historiadores modernos já observam a relatividade das culturas e dos tempos da história.

Como Posse nos revela, indaga-nos Nathan Wachtel, acerca dos movimentos messiânicos:

Certos aspectos do cristianismo, por exemplo, não corresponderiam à adaptação do mundo greco-romano do messianismo judeu (a própria reação de defesa, tanto natural quanto étnica, face a uma dominação estrangeira)?

Parafraseando um compositor diríamos: "Enquanto a história explica, a literatura dá o toque".

A definição clássica da história como "ciência dos acontecimentos" é subvertida pela literatura que se realiza como a (in) consciência dos acontecimentos. É a "consciência" coletiva mesmo tratando de "mitologias particulares", como diria Borges. Se a história *apresenta* os fatos delimitados no tempo, a literatura *representa* os fatos na temporalidade

etérea de quem já saiu dos limites cartesianos espaço/temporais.

Segundo Michel Foucault, na modernidade:

Uma tarefa se apresenta então ao pensamento: a de contestar a origem das coisas, mas de constestá-la para fundá-la, reencontrando o modo pelo qual se constituiu a possibilidade do tempo - essa origem sem origem sem começo a partir da qual tudo pode nascer.⁹

O questionamento do tempo histórico pela literatura é inerente ao próprio discurso ficcional: soma de diversos ritmos temporais na criação de uma nova harmonia. Melodia barroca de Carpentier, "sampler" pós-moderno de Posse.

III. A HISTÓRIA, AS FICÇÕES

A ficção é precursora de um mundo multicultural que nenhuma filosofia única, nenhuma crença única pode liquidar.

Carlos Fuentes

Nos dois romances analisados, notamos a apreensão do "histórico" por parte do discurso ficcional. Nota-se, porém, que os dois autores apreendem a história ou o "discurso historiográfico" de maneiras distintas. Enquanto Carpentier mergulha no mundo histórico/cultural dos tempos tratados em seu romance, Abel Posse trata os "fatos históricos" de modo mais acrônico, há o que se poderia chamar de uma superposição pseudo-anárquica de vários discursos culturais (filosóficos, teológicos, etc.) que se somam à personalização (processo utilizado nos dois romances). A obra do cubano insere-se num processo de revisão historiográfica já utilizado em alguns de seus romances anteriores, principalmente **El siglo de las luces** e **El reino de este mundo**. A crítica de Carpentier vem embasada em um material documental que serve de apoio ao seu modo de revisitar a história.

*Los elementos históricos están presentes-muy en primera linea-en la obra de Carpentier desde **El reino de este mundo** (1949). Sus narraciones son producto-en buena medida-de una asombrosa investigación histórica. (...) Pero Carpentier no es un historiador, como no es un naturalista, ni tampoco (entiéndase desde ahora) un novelista histórico. Es un creador que acude a los materiales para proverse de los elementos que requiere su obra literaria.¹⁰*

Já Posse, em **Los perros del paraíso**, cria um mosaico de discursos atemporais que se unem anacronicamente, isto é, teorias e personagens de distintos "tempos reais" ou históricos fundem-se numa temporalidade mágica, visionária. E mais: os emissores desses discursos e teorias fazem-se vivos, fantasmas reais vivificando um "futuro". Temos historiadores, filósofos, teólogos personificados na obra discutindo "realmente" a América mesmo antes da "Descoberta" ou durante os tempos em que o "Enviado de Cristo" (Christo Forens) - Cristóvão - buscava o Eldorado das Índias ainda orientais.

Em **El arpa y la sombra** o conteúdo histórico é menos violentado, já na obra de Posse esse processo se radicaliza. Carpentier situa o histórico, mergulha nele para depois fragmentá-lo e criticá-lo; Posse desdiz na linearidade historicista de forma mais anárquica, notamos que há um narrador que está ao nosso lado, como mago visionário misturando os ingredientes históricos no fazer literário.

A introdução do discurso cultural dos povos pré-colombianos nos romances também se faz de forma distinta, já que, enquanto na obra do cubano a voz dos vencidos se faz discurso através de Dieguito, ou seja, do indígena descontextualizado na Europa, na obra do argentino os "selvagens" Incas e Astecas tecem discussões interessantes sobre sua cultura e sobre seu inadiável encontro com os barbudos que vêm do sul.

Essas duas formas distintas de estruturação ficcional (apropriação do discurso histórico) fazem notar as nuances diferenciais das "poéticas" (*modus operandi*) de cada autor. Daí o Colombo de Carpentier ser um homem preso ao seu tempo, um embusteiro, um enganador com seu "Retablho de Maravillas".¹¹ Já o Colombo de Posse é o místico, flutuante ser que oscila entre o mortal medieval e o atemporal, ahistórico homem nietzscheano: "uma corda distendida entre o animal e o super-homem."

Na obra de Posse, a Inquisição será conseqüência do pensamento "anti" renascentista. Nessa forma de controle do imaginário (ou da alteridade) a força será a opção: "Nacia el Imperio y una iglesia Católica-imperial que arrojaba el lastre de torvo y beato cristianismo". E os Reis Católicos funcionam como elo de ligação entre o projeto político e sua viabilização: "En el atolondrado fornicio de aquellos adolescentes sublimes fenece definitivamente la Edad Media" (p. 70). O projeto inquisitorial-imperialista será a reavivação dos "anseios populares", um projeto de propaganda, de marketing político. E o povo: "bobo, obsecuente, siempre entregado a la realeza enjoyada" (p. 85).

O poder nobiliárquico-cristão deve superar o anseio libertário individual. Essa forma de descontinuidade dentro do processo histórico é a viabilização político-social de uma essência vista como "erótica" pelo autor. Em termos atuais, Posse nos apresenta em seu romance uma "psicologia social renascentista". Quais seriam os meios que a força Estatal teria para pôr em prática seu projeto de modernização imperial? O Imperialismo e o Cristianismo. Então os reis (simbolicamente) representam a força libertadora (ou libertina) do pensamento "anti". Eles representariam a *essência* do "totalmente contra", adaptada à *aparência* do *status quo*, ou seja, ao discurso cristão.

No romance, a modernização desses ideais (essência) se faz aparente através da modernização crítica da história, que se apresenta como um mosaico atemporal de discursos travestidos na ficção. Daí termos índices modernos (Nietzsche, nazismo, Freud) para "explicar" a modernidade dos atos do monarcas cristãos. Temos teorias exemplificando a história através da recriação ficcional.

Um exemplo é a canalização do eros espanhol adormecido e vencido que se levantará

através da cruzada nacionalista, via guerra com portugueses e mouros e expansão ultramarina:

Comprendió que podía transformar aquella compulsión sexual en una cruzada nacional y popular. Freudianamente buscó una ideología para encauzar tanto deseo, una superestructura adecuada. (p. 47)

Assim, o cristianismo, a filosofia, a psicologia, o marxismo, o nazismo são envolvidos e diluídos, pasteurizados discursivamente na criação irônica e crítica de uma nova visão do processo histórico, atemporal e vertical. Profundo mergulho nas trevas inquisitoriais iluminadas pelo "saber" adquirido através da própria história do pensamento. Daí Nietzsche, o eterno retorno, o ocaso cristão, o discurso do filósofo desmascarando a utopia pela dissecação cultural da temporalidade ou do discurso histórico sobre determinado tempo: "Occidente, vieja Ave Fénix, juntaba leña de cinamomo para la hoguera de su último renacimiento" (p. 13).

Essa fusão entre factual e ficcional, entre histórico e literário, entre real e imaginário, faz-se pela utilização de anacronias, transposição de discursos e, conseqüentemente, desreferencialização espaço/temporal.

Posse faz uma recriação da história, e seu romance, utilizando-se da colagem de referências culturais distintas, vai ser um grande esforço de reordenação cultural do mosaico do qual fazemos parte. Por isso, o analisamos como a tentativa, em termos pictóricos, de uma colagem de imagens, Imagos (como diria Lezama Lima) de entidades culturais/temporais distintas. Tal fato vai ao encontro do que nos diz Carlos Fuentes ao analisar a moderna narrativa latino-americana:

Vivemos em países onde tudo está por ser dito, mas também onde está por ser descoberto como se dizer esse tudo. Se não há vontade de linguagem em um romance da América Latina, para mim esse romance não existe. ¹²

Carpentier esclarece-nos na apresentação de *El arpa y la sombra* que faz uma variação (em termos musicais) sobre o tema da Descoberta. Ou seja, parte do tema fundamental e, através do barroquismo enriquecedor e criativo, aprofunda, criticamente, pela pessoalização e reaproveitamento da tradição (discurso histórico), a discussão sobre a gênese americana. Abel Posse, diríamos, faz uma sobreposição horizontal que, todavia, demonstra a diversidade cultural/ideológica do processo de colonização.

Numa maneira de revelar a diferenciação na forma de construção dos romances, no que se relaciona à apropriação do discurso histórico, vamos recorrer ao que nos diz Lezama Lima no livro *A expressão americana*, ao discutir a problemática da expressão barroca como primeiro traço distintivo da afirmação artística e cultural da América, isto é, como o Novo Mundo se integra à Roda da História (ou cultura) Ocidental.

Quando é afirmada pelos historiadores da cultura a carência na Espanha de

*manifestações renacentistas, bastaria para refutá-los a contemplação do Renascimento espanhol realizado na América. Uma cultura como a espanhola não poderia manifestar-se por jogos cortesãos nem pela influência viajora dos humanistas; os fatos históricos tinham que ser de grande relevância, como o Descobrimento e a Reforma, que afirmassem e expressassem a sua vontade de criação artística. (...) Depois do Renascimento a história da Espanha passou à América.*¹³

Lezama critica a visão idealista hegeliana do mundo germânico protestante como modelo desenvolvido das aspirações coletivas, onde há a conciliação do espírito negativo com o subjetivo. A inclusão da América como cultura participante da gênese da modernidade é vetada pelo cubano. Para ele, as culturas e a natureza americanas têm uma participação fundamental na criação de um novo modelo cultural. Segundo Irleamar Chiampi:

*A recusa lezamiana do historicismo de Hegel é correlata à sua reivindicação - via América - do núcleo geneológico do Ocidente. A velha Europa, a que nasce com a incorporação dos grandes mitos e religiões do Oriente pelo cristianismo primitivo, aquela que preservou a tradição greco-romana (e com ela o mundo pagão), é a cultura paradigmatal, a matriz dos imaginários da cultura americana.*¹⁴

Tal alusão à visão lezamiana nos faz remeter às duas obras. O processo sobre o qual Carpentier investe no histórico passa pelo esquema hegeliano de aprofundamento vertical, mas também o subverte, já que os discursos da Europa Católica da Conquista e da tentativa de Reconquista, ou seja, a confissão de Colombo e a tentativa de beatificação do Descobridor pelas autoridades eclesiásticas do século XIX nos colocam dentro da História. Assim, subverte-se a própria exclusão do Novo Mundo de uma ordem protestante idealizada por Hegel. Como já foi repetido inúmeras vezes nas discussões sobre os 500 anos da Descoberta, o Novo Mundo foi o propulsor da dita modernidade, e já que a cultura que se chocou com as culturas pré-colombianas provinha da Europa católica, a modernidade passaria pelo retorno ao mundo greco-latino, e também ao mundo oriental - via judeus e mulçumanos - já que a península e, principalmente, a Espanha mantinham "relações muito estreitas" com essas culturas.

Assim notaremos que Carpentier põe a Descoberta e o Imperialismo espanhol como formas de tentativa de perpetuação de um projeto teológico-filosófico-cultural que já se esvaíra na "Europa Moderna". Discute esse processo ironicamente utilizando a própria análise hegeliana de corte vertical no tempo histórico, porém reverte a operação através de uma dialética que desmascara a própria visão germanófila de exclusão do mundo católico como colaborador na formação de uma "nova cultura".

Tais discussões, se desenvolvidas, nos poriam em contato com a teoria da concepção teológica, antropológica e filosófica do próprio devir americano. Porém, o que nos interessa nesse nosso estudo é a posição de Lezama (cubano e contemporâneo de Carpentier) na visão da criação barroca como via de expressão do Novo Mundo.

O problema do nomear o novo é analisado simbolicamente por Carpentier ao situar Colombo com uma paisagem com formas novas, novos animais, frutas, árvores, sensações... O encontro com novo trará o barroco, tão bem discutido por Lezama e Carpentier.

Daí o "trans-historicismo" das duas obras estudadas, a soma de visões e culturas num choque que gera uma nova energia, nova gênese: junção de "eras imaginárias" distintas.

Segundo Lezama, Hegel "procura na América o espírito objetivo e o que encontra, como no gênese, é o sopro de Deus encrespando as águas, como uma pedrinha lançada de lado sobre a tranqüila laminação líquida".¹⁵

O processo de revisão da história feito por Posse é mais radical que a fórmula de Carpentier. Nota-se, porém, que ambos autores utilizam-se do próprio discurso cultural ocidental para desmascará-lo.

O papel da ficção na recomposição maravilhosa da história, que está longe do registro "científico", fica claro. A tentativa de mapear o "ser americano" através do processo histórico terá de se utilizar da recriação, da fabulação. Notamos a concepção de um falso antagonismo do binômio história/ficção sendo aproveitado por muitos dos nossos escritores.

Quando Lezama Lima cita as águas encrespadas pelo sopro divino é a mesma visão de Colombo, ainda Chiristo-Forens - O Enviado de Christo - anotada em seu diário de bordo. A apropriação do discurso cultural europeu é também feita por Posse, mas a forma de utilização desse discursos na obra é (como já foi dito) um processo de colagem. Superposição de pensamentos. Nietzsche está junto a Colombo, dialogam "realmente" sobre o Novo Mundo.

Alejo Carpentier nos deixa, via Colombo, uma interrogação sobre o devir, sabe que está se formando "algo novo", mas não sabe que novo é esse. O pensamento-discurso do Almirante soma-se às apreensões do Papa que não pôde beatificá-lo. Ambos sabem que um gene novo forma-se. História embrionária que merece a atenção e tutelamento dos europeus:

Por encima de todo ello, había una humanidad en efervescencia, inteligente y voluntariosa, siempre inventiva aunque a veces desnortada, generadora de un futuro que, según Mastai, sería preciso aparear con el de Europa - y más ahora que las guerras de independencia propendían a cavar un foso cada vez más ancho y profundo entre el viejo y el nuevo continente. El elemento unificador podría ser el de la fe... (p. 47)

Na obra de Posse, o Colombo visionário, oriental, ser etéreo, personifica e já prevê todo o processo histórico do alto da sua condição de Iniciado.

Comprendió que América quedaba en manos de milicos y corregidores como el palacio de la infancia tomado por lacayos que hubiessen sabido robar las escopetas. (p. 253)

As narrações, enquanto pensamento feito linguagem e discurso, vão fazer brotar o que resta do embate tradicional entre "singular" e "universal", entre "eu" e "mundo", entre "realidade" e "maravilha", entre "história" e "ficção". E a obra literária está aí, buscando, através da linguagem, um espaço intermediário entre essas constantes. Pois, cremos, estamos no espaço de outro texto, ou seja, outra história...

Se nor apropriarmos da visão crítica e histórica de Lezama Lima, teríamos na ficção a história reavaliada pela intervenção do "sujeito metafórico" que a vê como a soma atemporal de várias "entidades naturais ou culturais imaginárias". É dizer, o historicismo é trazido ao plano da linguagem. Estaremos então ao lado da liberdade, essência da criação, surgida através da apreensão da história pelas "imagens".

O processo de visualização imagética e atemporal da história põe-nos frente às duas obras, já que tanto Posse quanto Carpentier nos colocam em contato com o pensamento de personagens históricos feito linguagem. Assim, através da literatura, passamos da "realidade" ao lendário, do histórico ao épico.

O desembarque da cultura européia no Novo Mundo, ou melhor, nas Índias Ocidentais, representa o encontro com o "estranho": choque de mentalidades. O Novo Mundo é a inserção da maravilha na história.

Quando Carpentier formula o realismo maravilhoso do Caribe¹⁶, está retomando, criticamente, o leque das possibilidades entre o imaginário europeu e o Paraíso Terrestre. Imagine-se a mente fantástica dos navegantes medievais deparando-se com o Paraíso...

A grandiosidade natural das "ilhas" é maravilhosa. A possibilidade de se estar no Eldorado (e possuí-lo) também o é.

Se estamos no mundo da maravilha (é indiciadora a leitura do **Libros das maravilhas**, de Marco Polo, por Colombo), o sujeito histórico torna-se sujeito épico. A história passa a ser o território épico onde se desenrolará a trajetória dos nossos heróis-vilões-personagens-históricos.

Jacques Le Goff nos diz que:

Uma dimensão - essencial - que, em grande parte, ainda falta à história é do imaginário, essa parte do sonho que, se deslindarmos bem suas relações complexas com as outras realidades históricas, nos introduz tão longe no âmago das sociedades.¹⁷

Ou seja, há um indicativo de aproveitamento dos imaginários por parte da história. Por seu lado, a ficção investe no histórico na busca da universal (e utópica) síntese discursiva:

*Não houve ninguém que se dispusesse a escrever, de um ponto de vista histórico, sobre o fato de Colombo usar a palavra maravilha a todo instante. Aqueles que realmente escreveram sobre isto, que foram sensíveis ao fato, são os grandes escritores latino-americanos, e não os críticos literários e historiadores.*¹⁸

IV - ALGUNS DADOS CONCLUSIVOS

Após todas as discussões, proposições, perguntas, questionamentos e busca de saídas, esperamos que o percurso pelas obras tenha levado à reflexão mais que à crítica.

Acreditamos ser pertinente lembrar que a obra de Posse pode ser considerada como uma homenagem a Carpentier, releitura de uma leitura da Descoberta, criando um diálogo literário rico e aberto.

A inserção do discurso dos povos pré-colombianos, no romance de Posse, é um traço diferencial de fundamental importância na estruturação das obras: é o recado dos emudecidos feito texto. Acesso das civilizações americanas à palavra escrita. Participam, inclusive, da irônica cronologia indicada no início dos capítulos, através da inserção do calendário solar.

"¿Vale la pena invadir las tierras de los pálidos?" (p. 33), Pergunta Huamán Collo, um inca enviado para uma convenção com os astecas. Dentre os presságios dos "índios", um (pleno de ironia) é a resposta anacrônica, mas crítica em sua antropofagia: " - Señor, mejor será que los almorcemos antes que los blanquiñosos nos cenem...!" (p. 35)

O fato "descobrimento" funciona como gene simbólico das mentalidades hispânicas. Nós, deserdados em nossa terra, frutos podres, filhos pobres da ambição alheia. Incorporados, à força, à Roda da História. Mitos, reis e povos pisoteados e desfeitos em pedaços. *Hijos de Malinche*. Propulsores da "modernidade" jogados para fora dela.

Se o Colombo de Carpentier - pícaro embusteiro com seu *Retablo Histórico* - se nos confessa e mostra-se corpo e alma de homem medieval, não-Mito, ser real que às Suas Altezas Reais presenteou com um Novo Mundo, devemos ouvi-lo.

Se o Colombo de Posse, metafísica e culturalmente, faz um relato histórico das culturas medieval e moderna em confronto com o Paraíso, devemos percebê-lo.

A sublimação grotesca e mágica da história é a revisão de nossa "herança colonial". Mais do que choque cultural o que se propõe é a discussão sobre a energia geradora de tal processo. A própria criação da temporalidade ficcional redefinindo a História e a Cultura.

NOTAS

1 Contra-capa da edição mexicana de *El arpa y la sombra*.

- 2 HUIZINGA, J. **El concepto de la historia y otros ensayos**. Mexico, Fondo de cultura Económica. 1954.
- 3 Cf. FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. São Paulo, Martins Fontes, 1987.
- 4 LEZAMA LIMA, José. **A expressão americana**. São Paulo, Brasiliense, 1988.
- 5 Ibidem, p. 55.
- 6 VEYNE, Paul. *História conceitual*. In: LE GOFF, Jacquei; NORA, Pierre, dir. **História: novos problemas**. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1988.
- 7 Referência ao cap. II do romance em que Colombo pensa em confessar-se a um padre.
- 8 WATCHEL, Nathan. *A aculturação*. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre, dir. **História; novos problemas**. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1988.
- 9 FOUCAULT, Michel. Op. cit. (p. 348).
- 10 BUENO, Salvador. **Alejo Carpentier y su concepto de la historia**. In: LEVY, Kurt L. y ELLIS, Keith, org. **El ensayo y la crítica literaria en Iberoamérica**. Memoria del XIV CONGRESO INTERNACIONAL DE LITERATURA IBEROAMERICANO. Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana, Universidad de Toronto. Toronto, 1970.
- 11 A expressão "Retalho de Maravillas" que aparece no romance de Carpentier alude a um entremês de Cervantes "El Retablo delas maravillas", onde um trio de embusteiros zomba do poder local de um povoado através de um "teatro mágico". A propósito cf; MOLHO, Maurício. **Cervantes: raices folklóricas**. Madrid, Gredos, 1976.
- 12 NIETZSCHE, Friedrich W. **Assim falou Zoratustra**. Rio de Janeiro, Bertran, 1989.
- 13 Cit. in: SCHLAFMAN, Leo. *A identidade perdida de Fuentes*. **Jornal do Brasil**, Caderno Idéias, RJ, 23.05.87, p. 5-6.
- 14 LEZAMA LIMA, José, 1988.
- 15 Ibid. p. 37.
- 16 LEZAMA LIMA, José. Op. cit. p. 176.
- 17 Carpentier foi um dos formuladores da teoria do "realismo mágico" hispânico. Cf. CARPENTIER, Alejo. **El reino de este mundo**. Caracas, Primer Festival del Libro popular venezolano. 1965 (prólogo).
- 18 LE GOFF, Jacques. Op. Cit. p. 55.
- 19 GREENBLATT, Stephen. *A história encontra o maravilhoso*. Entrevista concedida a Marcelo Della Niña. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 29.03.92, p. 4-5.

BIBLIOGRAFIA

- CARPENTIER, Alejo. **El arpa y la sombra**. México, Siglo XXI, 1988.
- POSSE, Abel. **Los perros del paraíso**. Venezuela, Monte Ávila, 1987.